

BORMAN, José Bernardino

*militar; pres. PR 1899; ch. EME 1909; min. Guerra 1909-1910; min. STM 1911-1912.

José Bernardino Borman, também conhecido pelos pseudônimos literários *Wilagran Cabrita* e *B. de Marbon*, nasceu em Pelotas, na antiga província do Rio Grande do Sul, no dia 4 de maio de 1844. Sua mãe era gaúcha. Seu pai, Wilhelm Borman, era alemão de nascimento e veio para o Brasil para participar do Corpo de Estrangeiros de dom Pedro I, divisão do Exército brasileiro formada inicialmente por imigrantes e posteriormente por mercenários. Em 1827, Wilhelm Borman comandou o batalhão de alemães na batalha do Passo do Rosário (RS) durante a Guerra Cisplatina (1825-1828), conflito entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata pela posse da Província Cisplatina, região da atual República Oriental do Uruguai.

José Bernardino estudou com padres em São Leopoldo (RS) e aos 14 anos de idade, valendo-se de uma certidão do irmão mais velho, alistou-se no Exército. Assentou praça em 11 de fevereiro de 1862, contando o tempo de serviço de 15 de abril de 1861. Em dezembro de 1864 seguiu para a campanha do Uruguai e, em 1865, partiu para a Guerra do Paraguai (1864-1870) como alferes do 5º Batalhão de Voluntários da Pátria. Tomou parte, no segundo semestre de 1865, do sítio a Uruguaiana, cidade da província do Rio Grande do Sul que havia sido tomada pelas forças paraguaias, e esteve presente em outras batalhas importantes, como o combate da ilha da Redenção, no rio Paraná, em 1866, e ataque de Curupaiti, naquele mesmo ano, em que foi gravemente ferido. Comandou ainda uma bateria do Regimento de Mallet integrada pelos *brummer*, soldados mercenários alemães contratados em 1851 pelo Império brasileiro para lutar na Guerra do Prata (1851-1852), mas que também atuaram na Guerra do Paraguai.

Ainda durante a campanha do Paraguai foi promovido a segundo-tenente em 18 de janeiro de 1868, e recebeu por bravura, sobretudo na batalha de Avaí, travada em 11 de dezembro daquele ano, a promoção a primeiro-tenente em 20 de fevereiro de 1869, com antiguidade a contar da data do embate. Participou da campanha até 3 de novembro de 1869, destacando-

se pela assistência humanitária que prestou a irmãos de armas atacados de cólera. Terminado o conflito, fez o curso de Estado-Maior de primeira classe, a cujo corpo pertenceu. Tornou-se capitão graduado em 14 de abril de 1871, com antiguidade de 6 de outubro de 1870, e foi efetivado em 2 de maio de 1872. Também nesse ano formou-se bacharel em matemática e ciências físicas na Escola Militar do Rio de Janeiro.

Ainda em 1872, em 7 de dezembro, casou-se com Maria Benedita Borman da Câmara Lima, sua sobrinha, filha de sua irmã Maria Luísa Borman e de Patrício Augusto da Câmara Lima, escritor. Maria Benedita foi cronista, romancista, contista e jornalista; sob o pseudônimo Délia publicou livros e colaborou em vários jornais do Rio de Janeiro.

Em 1874, seguiu para o sul como membro de uma comissão de engenheiros militares. Posteriormente, tornou-se ajudante de ordens de Luís Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias, durante o terceiro período em que este chefiou o gabinete de ministros (1875-1878). Comissionado em missões de especialização militar, em 1877 acompanhou Caxias em viagem à Europa.

Ao regressar, em 1880, foi incumbido de fundar a Colônia Militar de Chapecó, também conhecida como Colônia de Xanxerê, na província do Paraná. Embora tivesse sido criada pelo Decreto n.º 2.502, de 16 de novembro de 1859, a colônia só foi instalada bem mais tarde, porque o governo argentino alegava que as terras escolhidas eram objeto de litígio entre os dois países. Assim, somente em 1880, após uma série de explicações e trocas de notas diplomáticas, o governo brasileiro pôde nomear um diretor encarregado de executar a fundação do povoado. A instalação efetiva ocorreu em 14 de março de 1882, quando Borman chegou à área com um destacamento militar. Lá convidou os caboclos locais para que se acomodassem no perímetro da colônia, tornando-se esta a única da província de Santa Catarina formada com famílias caboclas da própria região, sem a participação de imigrantes europeus. Promovido a major por merecimento em 31 de outubro de 1885, permaneceu como diretor do povoamento por 17 anos. Além disso, trabalhou como desbravador de terras e demarcador de fronteiras da localidade. Também fundou o primeiro jornal da região, o *Chapecó*, cujo primeiro número seria publicado em 7 de fevereiro de

1892.

Após a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, por merecimento pelos serviços prestados durante a implantação do novo regime, foi promovido a tenente-coronel em 7 de janeiro de 1890. Promovido a coronel graduado em 18 de março de 1892, tornou-se efetivo em 30 de dezembro de 1893.

Pouco antes, em 6 de setembro daquele ano, iniciou sua participação na repressão à Revolução Federalista, que fora deflagrada em fevereiro no Rio Grande do Sul e se estendia pelos estados vizinhos. O governo republicano interveio na contenda enviando tropas federais para a região. Membro dessas forças, o coronel Borman atuou no conflito até 16 de abril de 1894, destacando-se nos combates travados em Santa Catarina.

Após o falecimento de Maria Benedita Borman Câmara de Lima, em 1895, contraiu segundas núpcias com Ana Vera Monteiro Nogueira. Não teve filhos de nenhum dos dois matrimônios.

Filiado ao Partido Republicano Federal, em 1899 foi eleito vice-presidente do Paraná. Governou interinamente o estado de 3 de abril a 10 de maio daquele ano, período em que o titular, José Pereira dos Santos Andrade, precisou ausentar-se do cargo. Chegou a general de brigada a 22 de setembro seguinte e em 1901 foi eleito deputado estadual no Paraná. Tornou-se general de divisão em 15 de outubro de 1908. Como tal, foi comandante da atual 3.^a Região Militar, que abrangia o Rio Grande do Sul, de 10 de janeiro a 21 de junho de 1909. Pouco antes, por decreto do dia 18 daquele mês, foi nomeado chefe do Estado-Maior do Exército (EME), do qual já havia sido subchefe. Assumiu o cargo em 9 de julho e o exerceu até 16 de outubro, quando, nomeado pelo presidente Nilo Peçanha (1909-1910), assumiu o Ministério da Guerra sucedendo ao general Carlos Eugênio de Andrade Guimarães.

MINISTRO DA GUERRA

Parte de sua gestão no ministério foi dedicada à tarefa de organização do Exército. Nesse sentido, foram editados o Regulamento Interno para os Serviços Gerais e o Decreto

n.º 8.083, de 25 de junho de 1910, que regulamentou a Confederação do Tiro Brasileiro e estabeleceu estatutos para as sociedades a ela incorporadas, fundando os Tiros de Guerra, instituição encarregada de formar reservistas para o Exército.

Medidas especiais foram também adotadas em relação aos serviços de saúde: em novembro de 1909, providências foram tomadas para a inclusão no quadro do Corpo de Saúde de médicos, farmacêuticos-adjuntos e dentistas que serviam no Exército. A diretoria do Serviço de Saúde foi reorganizada por decreto legislativo de 6 de janeiro de 1910.

A questão da remonta dos corpos montados em geral também foi tratada em sua gestão. Ciente da necessidade não só da aquisição de bons cavalos para o Exército, mas também da adequada preparação de pessoal especializado e indispensável ao cuidado dos animais, em dezembro de 1909 aprovou uma regulamentação para o Serviço de Remonta, providenciando a inclusão de veterinários, que já trabalhavam para o Exército, no quadro dos serviços gerais de saúde. Em agosto do ano seguinte, aprovou também um regulamento para o Serviço Militar Veterinário.

O general Borman foi ministro da Guerra até 15 de novembro de 1910, quando teve início o governo do marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), e o ministério foi entregue ao general Emídio Dantas Barreto. Em seguida, em 11 de janeiro de 1911, foi nomeado ministro do Superior Tribunal Militar (STM). Tomou posse no dia 16 do mesmo mês e foi reformado como marechal a 6 de dezembro do mesmo ano. Exonerou-se do STM, a pedido, em 6 de fevereiro de 1912.

Possuía as medalhas da Campanha do Uruguai, do Mérito Militar e da Campanha do Paraguai, conferidas pelo Brasil, República da Argentina e República Oriental do Uruguai, a medalha comemorativa da rendição de Uruguiana, a de distinção por serviços prestados à humanidade e a de ouro por serviços militares. Além dessas condecorações, recebeu as insígnias de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, da Imperial Ordem de Cristo e da Imperial Ordem de Aviz.

Foi membro e presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, e também um dos fundadores e vice-presidente do Aeroclub Brasileiro, criado em 1911 no

Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. É patrono da cadeira nº 4 da Academia de Letras do Paraná, e da cadeira nº 31 do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Faleceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 1º de junho de 1919.

Destacado historiador do Exército, escreveu várias obras sobre as campanhas do Sul que fornecem subsídios para a história diplomática. Também foi romancista. Publicou *O marechal duque de Caxias* (1880); *Fotografia militar* (1880); *História da Guerra do Paraguai* (1897); *Dias fratricidas: memórias da Revolução Federalista no estado do Paraná* (1901); *A Campanha do Uruguai* (1907); *Rosas e o exército aliado* (1912); *A batata de Leipzig* (1914); *Campanha de 1851-52* (1916); *Os amores de D. João III de Portugal*, romance histórico, e *Dona Mariquinha de Passo do Carneiro*. Além desses livros, publicou os seguintes artigos e palestras: De Caxias a Mitre e Guerra do Paraguai (em *A República*, de Curitiba, 1903, com o pseudônimo de B. de Marbon); Apontamentos sobre a fotografia e sua aplicação no Depósito de Guerra em França (na *Revista de Engenharia*); Guerra do Paraguai (no *1.º Congresso de História Nacional*); A marcha do Exército de Caxias até Assunção. Operações combinadas de esquadra (na *História Militar do 1.º Congresso de História Nacional*); O marechal duque de Caxias, traços biográficos (introdução e discurso publicados em *O Cruzeiro*, sob o pseudônimo de Wilagran Cabrita, na Homenagem póstuma a duque de Caxias); e Planta da picada da Vila da Palmeira ao Porto União. Traduziu, ainda, obras de caráter militar.

Cláudio Beserra de Vasconcelos

Fontes: BLAKE, A. *Diccionario* (v.4, p. 341); CARNEIRO, D; VARGAS, T. *História* (p. 266-267); *Encyc. Diccionario Internacional* (p. 1579); GOV. PA. CASA CIVIL. José Bernardino Bormann. Disponível em: <<http://www.casacivil.pr.gov.br/casacivil/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=42>>. Acesso em: 1/6/2011.; GUIMARÃES, A. *Diccionario* (p. 76); *Jornal do Brasil* (2/6/1919, p. 5); *Jornal do Comércio* (2/6/1919, p. 2); LAGO, L. *Conselheiros* (p. 31); LAGO, L. *Estado-Maior* (p. 45-46); LOPES, T.; TORRES, G.

Ministros (p. 165-167); MACCANN, F. *Soldados*; MELO, L. *Subsídios* (p. 79); Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1udio_Moreira_Bento>; MIN. GUERRA. *Almanaque* (1901, 1909) ; MOREIRA BENTO, C. *Estrangeiros* (p. 141-145); MOREIRA BENTO, C. *Imigrante*; PREF. MUN. XANXERÊ. *Histórico do Município de Xanxerê*. Disponível em: <<http://www.xanxere.sc.gov.br/conteudo/?item=23946&fa=261>>. Acesso em: 1/6/2011; SUP. TRIB. MIL *Ministros do STM (1808-2011)*". Disponível em: <http://www.stm.jus.br/institucional/ministros-desde-1808/minSTM1808_2011.pdf"http://www.stm.jus.br/institucional/ministros-desde-1808/minSTM1808_2011.pdf>. Acesso em: 30/4/2011; TELLES, N. *Pesquisas*. Disponível em: <http://www.normatelles.com.br/memorial_da_pesquisa.html>. Acesso em: 20/6/2011; VELHO SOBRINHO, J. *Dicionário* (v.2, p. 420)'; Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/José_Bernardino_Bormann>.